

## O que Milton Santos falou e você não leu: um geógrafo, um intelectual corajoso

Sebastião P. G. de Cerqueira-Neto

Instituto Federal da Bahia  
cerqueiraneto.mg@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0001-7359-8958>

Será que estamos ficando menos capazes de pensar? Para quem trabalha com educação, ciência e pesquisa, o ato de pensar e consequentemente de propor caminhos diferentes daqueles que estão impostos, estabelecidos como verdade absolutas, é vital para colaborar com uma sociedade acadêmica mais livre, o que consequentemente terá influência na transformação de uma sociedade mais crítica, mais capaz de pensar.

Esta reflexão em forma de nota não tem a pretensão de ser um debate sobre o pensamento geográfico brasileiro, mas procura, a partir de matérias pouco conhecidas, enfatizar a importância de Milton Santos na construção de análises que tentam explicar o mundo em que vivemos.

Milton Santos mostrou-se um intelectual corajoso ao sugerir caminhos alternativos, por vezes em contracorrente, sobre uma multiplicidade de assuntos delicados como, por exemplo, o papel da universidade que considerava organizada e controlada por vários grupos impermeáveis. Elaborou críticas à globalização quando grande parte daqueles que comandavam a política mundial e, mesmo, dentro da universidade, entendiam que esse fenômeno era a única via de promoção do desenvolvimento dos territórios. Milton Santos identificou e denunciou a face perversa da globalização, denunciando o papel da grande mídia como um dos vetores importantes nas estratégias de poder tanto a nível local quanto global.

Para ele, medidas como o Consenso de Washington impostas aos países pobres serviam apenas para aprofundar a pobreza e o desemprego, a formação de blocos econômicos com meros interesses em trocas de mercadorias; e a livre circulação de dinheiro contrastando com a construção de muros que impedem a circulação de pessoas. Todas estas situações para Milton Santos explicitavam a face mais perversa da globalização. Essas dinâmicas que os países ricos, muitas vezes representados por grandes empresas, bancos e agências de riscos, impõem aos

países pobres acabam por construir as “Linhas Radicais”, destacadas amplamente na obra de Boaventura de Sousa Santos (2014a).

Milton Santos analisou a função da grande mídia como um dos vetores importantes no organograma do poder, tanto a nível local quanto global. Tão influente que políticos, economistas das grandes agências de análise de riscos e universidades se aliaram e trabalharam em conjunto, sobretudo, para disseminar ideologias políticas, culturas e comportamentos originados dos países centrais em direção ao restante do mundo. Lembramos que, na época dessas análises, Milton Santos tinha como referências os jornais impressos e os grandes canais de televisão. E quando essas forças se unem, elas podem levantar ou derrubar seres humanos e territórios.

Certamente que suas reflexões não eram bem vistas por aqueles que detinham o poder nos setores econômico, político e não raro na academia. Inclusive, o geógrafo brasileiro numa de suas entrevistas tem a coragem de dizer o quanto foi difícil ser aceito na universidade pública mais badalada<sup>1</sup> no Brasil. Contudo, para Milton Santos a força do intelectual estava na capacidade de defender as suas ideias até que elas floresçam. Portanto, não estava preocupado em ser bem aceito nem mesmo em ser pastor de um grande rebanho de seguidores. Possivelmente se estivesse vivo, ficaria estarecido com o uso das redes sociais que, se por um lado trazem benefícios, por outro lado, em sua grande maioria estão servindo como emburrecimento social e, porque não, formas de populismo bastante negativas.

Temo-nos dedicado a entender o pensamento de Milton Santos utilizando parte da sua vasta obra publicada em forma de livros e artigos científicos. O que estamos fazendo é disseminar alguns dos pensamentos críticos de Milton Santos, assim como outros geógrafos o fazem, por exemplo, Pedro de A. Vasconcelos com o livro *O universo conceitual de Milton Santos* (2020).

<sup>1</sup> Termo que utilizamos para não identificar a universidade mais importante do Brasil porque acreditamos que todas as universidades são importantes em todas as escalas geográficas.

A influência intelectual do geógrafo baiano ultrapassava as fronteiras do Brasil. Na Universidade de Coimbra, no Centro de Estudos Sociais havia uma cátedra<sup>2</sup> que levava o seu nome.

Na França onde viveu e lecionou Geografia por muitos anos há uma vasta obra publicada da sua autoria (1967; 1969; 1971). Seu livro *Por uma outra globalização do pensamento único a consciência universal* foi traduzido para inglês por Lucas Melgaço e Tim Clarke e publicado numa prestigiante editora (2017).

Entretanto, para escrever esse texto preferimos recorrer a duas entrevistas que serviram de base para nossa reflexão, onde muitas vezes suas opiniões não estão impressas em suas obras acadêmicas.

A primeira entrevista foi realizada pelo Prof. Dr. Fernando Conceição no Programa Roda Viva, da TV Cultura, em 1998, acabando por nos conhecer na Universidade de Coimbra, em Portugal, em 2014, onde fomos supervisionado no Pós-doutorado pelo Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Nessa entrevista, realizada na casa de Milton Santos, Fernando Conceição aborda diversos temas como a política, a vida de Milton Santos em algumas universidades estrangeiras, o papel do geógrafo junto ao Estado e a questão racial.

A segunda entrevista, realizada por Vera Maria de Carvalho pertencente a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e Vera Rita da Costa (*Ciência Hoje/SP*), Milton Santos aborda o papel da universidade e do intelectual na sociedade, expressa o que pensa sobre a Geografia enquanto ciência, a preocupação com a técnica e o seu uso na atividade de docência, faz uma severa crítica ao sistema universitário pela exigência de textos acadêmicos com exacerbada quantidade de citações.

Estas duas entrevistas, indispensáveis para tornar viável esta nota, são reveladoras da faceta dum intelectual corajoso e dum geógrafo comprometido, a avaliar pela profundidade e assertividade das respostas.

Por um lado, a obra de Milton Santos é amplamente conhecida, por outro lado, poucos têm a curiosidade ou mesmo acesso às suas reflexões elaboradas de maneira espontânea. É nesse sentido que penso que esta nota é importante a partir do momento em que transcrevem e interpretam as palavras de Milton Santos em seus momentos de

descontração, mas, sempre ciente do seu papel enquanto um intelectual do território. Isto é, que pensa o território em sua totalidade sob as diferentes variáveis que influencia na sua dinâmica como, por exemplo, a política, a universidade, a economia e a globalização.

## Fernando Conceição e Milton Santos: um bate-papo incomum<sup>3</sup>

Em 08 de julho de 2001 foi publicada na Folha de São Paulo uma entrevista que Fernando Conceição fez com Milton Santos, que falecera em 24 de junho do mesmo ano, mostrando uma conversa informal e altamente confiável pois o Prof. Dr. Fernando Conceição é o biógrafo autorizado deste importante intelectual da Geografia. No começo da entrevista um texto de Fernando Conceição relembra que Milton Santos:

No início dos anos 60, como secretário de governo do Estado da Bahia, na presidência da Comissão de Planejamento Econômico, propôs a criação de um imposto sobre a fortuna — o que provocou a ira dos golpistas — era inicialmente execrado pelas lideranças do Partido Comunista Brasileiro, que combatia. Na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, Milton Santos liderou a criação do Partido Estudantil Popular, que funcionou entre 1943 e 45, num período de forte oposição ao getulismo.

Na sequência dessa curta atuação política foi perseguido pelo Regime Militar tendo que se exilar, o que evidencia a sua capacidade de transitar seja numa posição de governo seja na condição de oposição. Diria ele nesta entrevista: “A gente tinha todas as ideias democráticas, liberais, mas não éramos de esquerda”. Na verdade Milton Santos não se preocupava com rótulos, mas com a dinâmica das coisas, ou seja, o processo. Inventar nomenclatura era secundário para ele. Totalmente diverso do que temos hoje, onde há uma busca insana de neologismos para se ter o *status* de criador de um processo que na verdade já existe. O mais importante para ele era entendermos o processo.

<sup>2</sup> [https://www.ces.uc.pt/milton\\_santos/pages/pt/apresentacao.php](https://www.ces.uc.pt/milton_santos/pages/pt/apresentacao.php). Acesso em 07/11/2023.

<sup>3</sup> Entrevista disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0807200107.htm>. Consultada em 17/07/2023.

Portanto, de acordo com Milton Santos, não importa apresentar nomes pomposos, neologismos etc. para analisarmos de forma crítica o que está acontecendo com os territórios nas mais diferentes escalas como, municipal, estadual, nacional ou global. O que interessa é o que está ou não está sendo feito pelos governantes e por aqueles que comandam a economia para acabar com os lugares opacos onde vivem os homens lentos; diminuir a distância socioeconômica entre os povos ou mesmo entre pessoas de um mesmo território; respeito as diferentes culturas; como o Brasil vai continuar tratando o semiárido? Como o mundo pretende enxergar a África? Dessa forma, quanto a usar os termos globalização ou mundialização, tem pouca relevância, para explicar o grau de desenvolvimento dos territórios.

Daí o porquê de Milton Santos afirmar que não vivíamos numa aldeia global e sequer tínhamos a consciência de que é a humanidade. Para ele o sentido de humanidade ainda estaria sendo construído. E viver numa aldeia global é, por enquanto, apenas um desejo de poucos.

Por não se aliar a partido político, Milton Santos abria suas palestras sempre deixando claro que não estava ali representando nenhuma religião ou credo, nem mesmo grupo de intelectuais. Talvez por isso, alguns de seus detratores vão chamá-lo de isento como uma forma de pressioná-lo para tomar partido de uma ou outra ideologia política. Mas, Milton Santos tinha um lado, o lado dos pobres.

Em 1998 Milton Santos lecionou na Universidade de Stanford nos Estados Unidos, e ele relata sua experiência assim: “Foi um tormento, foi horrível. Porque eu esperava ter discussões intelectuais, mas o que enfrentei foi uma coisa burra. Era para ficar um ano, somente quis ficar três meses”. Certamente ao fazer esse relato o geógrafo entra para uma curta lista de acadêmicos corajosos que se pode contar pelos dedos das mãos. Ao se posicionar dessa forma Milton Santos demonstrava duas coisas: a primeira, de caráter pedagógico, que exige uma qualidade na formulação de ideia dos seus alunos; a segunda, é que ele não se deixou deslumbrar ou ser subserviente por estar lecionando numa renomada universidade norte-americana. Noutro momento, fala a Fernando Conceição sobre a sua passagem na Universidade Columbia em Nova York:

Nós é que temos vergonha de ser agentes, o que de certo modo é um erro, porque o trabalho do geógrafo é meio esse, ser agente. Desde Heródoto, a geografia é isso. No Canadá, nos Estados Unidos, se estimulam os sujeitos que vão estudar os outros países, não o sujeito da embaixada, porque o tipo de relação deste não é aquele que tem o sujeito que está nas universidades. No Brasil, o Itamaraty tem ciúmes se outros fazem o trabalho de conhecimento de outros países.

A sua experiência no Departamento de Estado nos Estados Unidos abre mais uma possibilidade para o trabalho do geógrafo, onde Milton Santos coloca os conhecimentos da Geografia como “arma” de alguns países que investem em pesquisadores para conhecer a configuração social, econômica e ambiental de outros territórios. E ao mesmo tempo critica o Brasil, principalmente o Itamaraty órgão responsável pela diplomacia do país em concentrar e limitar suas atividades apenas em ações burocráticas, isto é, com pouco capacidade de interpretar as culturas, se apegando apenas no contato com os chefes de Estado. Por isso a geopolítica entre os países não é norteadada pela ética e moral, mas, por interesses estritamente financeiros.

Ainda sobre sua passagem por Columbia, Fernando Conceição complementa que o contrato previa duas conferências públicas. Na primeira que fez, atacou a política norte-americana. Diferentes de professores/pesquisadores que discordam da política norte-americana, porém, se omitem para continuar a terem o *status* de professor/pesquisador de uma universidade de renome internacional, Milton Santos era corajoso e indiferente a qualquer tipo de sansão. Certa vez perguntaram<sup>4</sup> a Milton Santos se suas posições não lhe traziam prejuízos. E a resposta foi: estou satisfeito com o meu salário de professor e o intelectual só se mostra forte ao defender as suas ideias e esperar que elas floresçam não importando o tempo que leve para acontecer.

No fim da entrevista, percorrendo com Fernando Conceição, ambos negros, sobre a questão racial, remata desta maneira:

<sup>4</sup> Indagação feito por Matinas Suzuki no Programa Roda Viva da TV Cultura em 1997.

Membros do Núcleo de Consciência Negra, na USP, diziam que “Milton Santos não se sentia negro”. O que naquele primeiro contato ele deixou explícito é que não poderia aceitar a ideia de que a questão racial no Brasil devesse ser deixada apenas para os negros resolverem ou discutirem. Era e é, no seu entendimento, um problema de toda a sociedade, e ele se recusava a tratá-lo como uma questão exclusivista. A questão racial brasileira passou a fazer parte da agenda de Milton Santos, de forma intensa, nos anos 90. Ele a entendia como um problema de falta de políticas públicas a serem implementadas por ações de um governo que não fosse tão afastado dos interesses sociais.

Quanto à acusação de que Milton Santos não se sentia negro, isso é muito bem explicado para quem já assistiu a outras entrevistas. Ele dizia que negro obrigatoriamente teria que participar de alguns movimentos negros, mas poderia sim, escolher em qual movimento se sentiria melhor para participar. Ao rejeitar tratar a questão racial como exclusivista, sendo ela um problema de todos, Milton Santos provavelmente recusaria o que está se chamando hoje de “lugar de fala”.

Apesar desta advertência sabemos que é comum a grande mídia comentar sobre tudo, desde brancos falando sobre a questão racial, não-índio refletindo sobre identidade dos povos tradicionais, pessoas que pouco saíram da capital e comentam sobre questões ambientais. É mais fácil contestar um intelectual do que um agente da grande mídia; ela sabe como seduzir e dar poder, ainda que temporariamente, para o “lugar de fala”.

Por fim, sobre o entendimento de Milton Santos pela falta de política públicas para a questão racial há uma bela interrogação proposta por ele: o que o Brasil quer fazer com os seus negros? Essa provocação foi uma pergunta que lhe fizeram sobre o sistema de cotas para negros na universidade, que realmente pode ser considerada como um mecanismo de reparação histórica, no entanto, somente as cotas, para Milton Santos era um paliativo para todas as questões que permeiam esse tema. Portanto, Milton Santos nunca foi contra as cotas, mas desejava políticas públicas mais amplas para os negros. Somente aqueles que se contentam com migalhas jogadas ao chão por

alguns políticos que ludibriam a sociedade, e dotados de limitação intelectual não compreendem a coragem de Milton Santos.

Milton Santos dizia que há uma questão do negro no Brasil e, portanto, se há uma questão é porque o problema não foi resolvido. Por exemplo, a atuação dos negros dentro da academia no Brasil, visto que grande parte de suas produções são invisibilizadas seja por preconceito da sua cor ou por sua postura crítica perante problemas que a universidade brasileira ainda tenta esconder ou simplesmente negligenciar. E isso coloca pesquisadores negros em lugares opacos num meio em que deveria ser o exemplo da aceitação da diversidade. Neste sentido, Milton Santos dirá da dificuldade do Brasil em não suportar um pensamento crítico intelectual. Ou será que não suportavam, especificamente, o pensamento de Milton Santos por ele ser negro?

## **Milton Santos: um intelectual engajado<sup>5</sup>**

As universidades mantêm-se como lugares de acesso restrito apesar de, no Brasil, terem a condição de públicas. “A sociedade ainda não tem raiva da universidade, mas começa a ter ressentimento, porque é um lugar a que a maioria das pessoas não pode aceder. Se a maioria não tem acesso, como podem ser públicas? É um equívoco”! Muitas universidades e institutos federais no Brasil já estão experimentando o vazio dos seus campus, sobretudo, no horário noturno. Isso é fruto de normalizarmos historicamente que os processos de entrar numa universidade pública estejam relacionados com vestibulares recheados de questões difíceis, e quanto mais ranqueada a instituição for, maior deverá ser o grau de dificuldade ao seu acesso. Dessa forma, como não concordarmos com a crítica de Milton Santos? Como explicar o fato de haver no Brasil um grande contingente, inclusive, de pessoas pertencentes à classe socioeconômica menos privilegiada estudando nas universidades e faculdades particulares? Essas pessoas não teriam capacidade intelectual de acender a uma universidade ou instituto públicos?

<sup>5</sup> Entrevista divulgada no <https://antigo.canalciencia.ibict.br/ciencia-brasileira-3/notaveis/283-milton-santos#entrevista-concedida-a-vera-maria-de-carvalho-sbpc-e-vera-rita-da-costa-ciencia-hoje-sp>. Consultada a 18/07/2023.

Este ponto crítico mostra, segundo Milton Santos:

“precisamos enfrentar essa questão de maneira clara e corajosa. Quando aparece alguém que diz alguma coisa realmente interessante, esse é corajoso. E nós estamos aqui para sermos todos corajosos. Mas o fato de encontrarmos tão poucas pessoas corajosas na universidade é um sinal de que ela está em processo de falência”.

Por outro lado, já estamos vivenciando nas universidades e institutos federais do interior do país a procura de outros meios de acesso para além das temidas avaliações via vestibulares. Por exemplo, o uso das notas do histórico do ensino médio. Infelizmente estão fazendo isso não como um movimento voluntário, de renovação de perspectivas de entrada nos seus campus, mas pela necessidade de suas sobrevivências como instituições que está diretamente relacionada com a quantidade de alunos. Logo, não significa um ato de coragem, mas de medo.

“A chave da solução talvez seja esta: desorganizar as universidades e desinstitucionalizá-las. Caso não se faça isso, as universidades, principalmente as mais institucionais – onde as pessoas têm mais orgulho – entrarão em decadência”, sentenciou Milton Santos na entrevista.

No que se refere à “nova geografia” proposta por ele,

A nova forma de encarar o espaço geográfico está dando à Geografia essa força que ela tem que aproveitar logo, porque a tragédia da Geografia é que ela descobre caminhos que são rapidamente tomados por outros, como o da Sociologia, da Economia e do Planejamento Urbano. Deveríamos tomar consciência dessas novidades de imediato, apoderarmo-nos desses fatos e transformá-los em temas teóricos e empíricos da disciplina.

Nessa fala de Milton Santos fica explícito a sua defesa da Geografia enquanto ciência e consequentemente da importância do trabalho do geógrafo. A falta de consciência ou a exacerbação de uma humildade que beira a subserviência da Geografia em relação a outras ciências contribui para que ela, a Geografia, não demarcasse o seu território de

atuação. Por consequência a sociedade desconhece nossas contribuições, enquanto geógrafos. Um cenário em que aparecemos “apenas” como professores de Geografia. Outrossim, o *status* de ciência-ponte que aceitamos tranquilamente durante décadas sem nos darmos conta de que isso não é um elogio, fez da nossa ciência uma ciência secundária, ou mesmo, de considerar a Geografia como uma não-ciência. Foi este tipo de desqualificação que levou à interiorização que todas as pessoas “entendem” de Geografia.

Creio que Milton Santos não desejava o isolamento científico da Geografia. Mas, vejamos: teses de física, de química, de medicina, de engenharia, de economia com suas linguagens e códigos próprios são acessíveis a toda sociedade? Não! Porém, há uma admiração pelo grau de dificuldade que essas teses apresentam entre seus pares. Em nenhum momento se preocupam com uma escrita que seja acessível a todos. E não há nenhum problema nessa postura acadêmica. O que interessa são os seus resultados em benefício para a sociedade. Ao contrário, cobram dos geógrafos textos acessíveis. Não raro, os livros e os artigos de Milton Santos são considerados como tendo uma escrita muito rebuscada e de difícil compreensão.

Ao invés de elaborarmos críticas, deveríamos compreender como Milton Santos quis proteger e valorizar a Geografia, porém, sem se afastar da dinâmica social dos territórios. Aliás, essa era uma condição para a existência de qualquer ciência na visão de Milton Santos, ou seja, produzir em prol da sociedade, mormente, se você pertence ao quadro de professores/pesquisadores de instituições públicas. Contudo, Milton Santos já identificava uma divisão entre os geógrafos, aqueles que se deixaram seduzir pelo mercado fazendo “coisas parciais” e outros que num ato de resistência “buscam o entendimento compreensivo do mundo”.

Quanto à relação entre a técnica e a universidade, Milton Santos analisou assim:

A universidade, por exemplo, está se tornando refém da técnica. Não passa um dia em que eu não receba um comunicado pedindo para imergir na técnica, como se eu fosse uma coisa... Me pedem que me comunique pela Internet. Há todo um aliciamento para me transformar numa

coisa, para reduzir a minha capacidade de ser intelectual... E é muito difícil você resistir, pela forma como a vida acadêmica se organiza hoje.

Esta entrevista foi publicada em junho de 1998 quando a internet ainda estava engatinhando e Milton Santos relata, quase que como um assédio, situações para que ele se encaixasse em novas técnicas de comunicação via internet. No ano de 2020 dá-se início ao estágio de pandemia da Covid-19, professores de todos os lugares do mundo foram obrigados a lecionar os conteúdos de suas ciências por via remota nas formas assíncrona e síncrona.

Foi um fracasso total no que tange à qualidade do aprendizado, e aponto algumas causas baseada na minha experiência enquanto professor na região do Extremo Sul da Bahia: 1) grande número de alunos sem acesso à internet, que por sua vez é de baixa qualidade. 2) alunos que moram em distritos distantes das empresas de internet. 3) a geografia de alguns lugares que dificulta o acesso à internet. 4) alunos sem equipamentos adequados para participar de aulas por via remota. 5) alunos em muitas condições de insegurança alimentar, pertencentes à famílias que muitas vezes sequer tinha condições financeiras para comprar a comida ou mesmo um sabonete para a higiene pessoal durante a pandemia.

Após o período pandêmico houve muitos teóricos da educação, geralmente ligados às novas tecnologias, que passaram a defender que não teríamos mais recuo do processo de ensino via remoto, como se essa modalidade de ensino pudesse ser estendido para todas as áreas do conhecimento. Enquanto geógrafo humanista, como penso ser o pensamento de Milton Santos, defendo a presença diária dos alunos e professores na sala de aula, pois nada pode substituir o contato pessoal, convívio indispensável para buscarmos o surgimento de novas concepções de como pensar e estar no mundo. Contudo, devemos respeitar os tecnocratas da educação e o contributo destas técnicas de ensino para complementar e, através das modalidades de ensino a distância, baseadas no uso das técnicas, melhorar a qualidade das aprendizagens.

O professor não deve ser preparado para dar aulas como se fosse uma estrela de televisão que recusa o contato com seus fãs, como não tem competência para competir com os pseudo-intelectuais formatados pela grande mídia; que tudo entendem

e de tudo falam. Muito menos devemos nos equiparar à função dos youtubers ou influenciadores digitais. É um caminho perigoso e pelo qual o professor/pesquisador não precisa correr este risco. Não somos formadores de opinião; essa função qualquer pessoa poderá fazer sem mesmo sequer ter um diploma. Nosso papel é explicar o mundo através da nossa ciência.

Assim como Milton Santos preferi ficar no ensino antigo, não antigo nas suas metodologias, mas aquele que entende que as instituições de educação, ciência e pesquisa sejam amplamente frequentadas, inclusive, abrigando pessoas que têm pouca mobilidade pelo território. Professores e alunos não são coisas para serem enlatados em formatos que se tornem agradáveis não para os alunos, mas, para satisfazer a grande mídia e suas diversas plataformas que só pensam em monetarização das pessoas. Milton Santos entendia que a

Técnica deveria servir para promover a correta informação da população, o que não ocorre. Em vez disso, ela promove a pressa, a competitividade — que é a busca da velocidade absoluta. Para quê? Eu não tenho pressa! Não quero pressa. Meu trabalho e a pressa não se casam. A pressa é a mãe da morte, é a porta aberta para o falecimento da vida acadêmica sadia.

Então, caso não tenhamos a coragem e a resistência que Milton Santos provou ter, é melhor que todos os centros de ensino, pesquisa e ciência sejam extintos quanto à sua existência física e se tornem virtuais. Até mesmo os fóruns de debate acadêmico estão dando preferência pela chamada webconferência com a justificativa de diminuir os custos. Na verdade estamos perdendo a capacidade ou fugindo do diálogo filosófico entre nós. Neste sentido parece que quem comanda as técnicas está conseguindo nos desmobilizar. De acordo com Milton Santos “a gente não goza mais um encontro, uma conversa; eles só preenchem obrigações pragmáticas”.

A parte final da entrevista feita por Vera Maria de Carvalho (SBPC) e Vera Rita da Costa (Ciência Hoje/SP) revela o ápice da coragem de Milton Santos, onde ele expõe a pobreza e ao mesmo tempo um imperialismo científico que limita a nossa capacidade de escrever algo diferente, podendo o aparecimento de jovens pensadores. Vejamos o porquê. Milton

Santos chama de ridículo o endeusamento pela citação que na visão dele é o próprio “endeusamento da dimensão política de fazer ciência”. Concordo com Milton Santos que os textos de nossas dissertações e teses são, em sua maioria, “a repetição do que escrevem os deuses das universidades comandantes”, e por incrível que pareça quanto mais citamos mais seremos tratados como inteligentes e preparados para sermos pesquisadores.

E com uma frase de desesperança Milton Santos sentenciou: “essas são pistas de como e do que mudar, mas o sistema de poder nas universidades é muito fechado e sólido, difícil de romper”. Milton Santos, mais uma vez corajoso, rompeu com o sistema. Cito aqui o texto intitulado “Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência” (1996), onde não há qualquer referência teórica ou bibliográfica.

## Remate: eu e Milton Santos

Milton Santos teve sua formação acadêmica inicial em Direito e depois se dedicou a entender o território brasileiro e global, portanto, como ele mesmo se intitulava, um geógrafo; porém, Milton Santos foi mais que um geógrafo, foi um pensador na amplitude da palavra, que conseguia realizar conexões sobre território, política, ciência, técnica e desenvolvimento.

Não conheci o Professor Milton Santos pessoalmente. Não assisti a nenhuma de suas palestras. Quando entrei para as pesquisas em Geografia fazia Mestrado em Geografia Física onde não há qualquer conexão com as obras de Milton Santos. Foi a partir do Doutorado que me aprofundi no estudo do pensamento desse intelectual da Geografia. O meu primeiro livro publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia cujo título é *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia* (2014) é muito inspirado nele. No segundo livro também publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia intitulado *Da cientificidade de Milton Santos ao ativismo de Boaventura de Sousa Santos* considero o meu auge no que se refere a dominar algumas das teorias de Milton Santos sobre a dinâmica dos territórios, que combinei com pensamento de um dos maiores intelectuais portugueses da atualidade. E por caminhos diferentes os dois são alvos de críticas. Em 2023 foi publicado pela

Editora do Instituto Federal da Bahia o livro *20 anos sem Milton Santos: e o Brasil continua a ser um país distorcido*, uma coletânea que organizei em conjunto com Leonardo Thompson da Silva (Doutor em Geografia), José André Ribeiro (Doutor em Filosofia), Ricardo Rodrigues Mendes (Doutorando em Difusão do Conhecimento IFBA/UFBA) e Ricardo Almeida Cunha (Doutorando em Estado e Sociedade UFSB/Campus Porto Seguro), colegas/pesquisadores do Grupo de Pesquisa Milton Santos CNPq/IFBA.

Belíssimos intelectuais produziram pensamentos para que o Brasil pudesse ser um país com menos injustiça social, entre eles está, sem dúvida, o nome de Milton Santos. Contudo, somos um país que não tem apreço pelo pensamento crítico. Aliás esse comportamento do país é responsável por enterrar pessoas brilhantes e não deixar outras florescerem.

Aqueles que comandam o país política e financeiramente bem como grande parte dos gestores acadêmicos certamente têm ojeriza ao pensamento de Milton Santos, apenas não têm coragem de assumir publicamente, pois são incapazes de produzir um pensamento teórico que venha contrapor o que Milton Santos expressou nas duas entrevistas que fomentaram a produção deste texto.

Há também acadêmicos que conviveram diretamente com Milton Santos — privilégio de poucos — em suas diferentes condições (colegas de pesquisa, orientandos, etc.) que falam sobre o geógrafo se limitando a questões teóricas, mas pouco tentam se transformar e transformar o ambiente acadêmico pelas falas de Milton Santos, alguns desses “traindo” Milton Santos quando não permitem ser questionados, repelindo o diálogo. Mesmo tentando monopolizar para si o pensamento de Milton Santos, ou seja, pensando e agindo como somente eles sejam capazes de “traduzi-lo”.

O vigor teórico, a ironia intelectual com tudo o que está decidido como único caminho possível, a coragem de escancarar nossa limitação em produzir algo novo, me fez aproximar de Milton Santos através dos seus livros (tenho todos). E é com essa autoridade acadêmica que procuro interpretar Milton Santos à minha maneira. Foi um pouco do que fiz com as entrevistas que serviram de inspiração a essa nota. Penso que ele ficaria bravo ao ver que seu pensamento enquanto geógrafo, intelectual do território, tivesse apenas uma ou duas opções de interpretação.



Finalizo esta nota com as últimas palavras que Milton Santos proferiu na entrevista com Fernando Conceição: “Acho que tem pouca luz... Eu não posso mais ler, não tenho trabalhado, não tenho escrito nem lido nada. Anteontem fui ao médico e ele me passou outros óculos. Disse que a visão vai voltar lentamente”.

Que nossa visão crítica sobre Geografia, sobre a ciência que praticamos, sobre nossos institutos e universidades, e sobre o mundo em que vivemos volte, ainda que lentamente!

## **Referências bibliográficas**

- Cerqueira-Neto, Sebastião de (2014). *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia*. Salvador (BA): EDUFBA.
- Cerqueira-Neto, S. de (2023). *Da cientificidade de Milton Santos ao ativismo de Boaventura de Sousa Santos*. Salvador (BA): EDUFBA.
- Cerqueira-Neto, S. de, Silva, L. Thompson, Ribeiro, J. André, Mendes, Ricardo R., & Cunha R. A. (2023). *20 anos sem Milton Santos: e o Brasil continua a ser um país distorcido*. Salvador: EDUFBA.
- Santos, Boaventura de Sousa (2014a). *O direito dos oprimidos*. Coimbra: Almedina.
- Santos, Milton (1967). *Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous-développés* I. Les données de base. II. Milieux géographiques et alimentation. «Les cours de géographie». Paris: Centre de Documentation Universitaire.
- Santos, Milton (1969). *Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés*, 2 fascs. Paris: Centre de Documentation Universitaire.
- Santos, Milton (1970). *Dix essais sur les villes des pays-sous-développés*. Paris: Ed. Ophrys.
- Santos, Milton (1971). *Le métier du géographe en pays sous-développés*. Paris: Ed. Ophrys.
- Santos, Milton (1971). *Les villes du Tiers Monde*. Paris: Ed. Génin, Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, tome X.
- Santos, Milton (1996). *Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência*. Boletim Gaúcho de Geografia. Associação Brasileiras dos Geógrafos. Brasil: Sessão Porto Alegre (RS).
- Santos, Milton (2017). *Toward an Other Globalization: From the Single Thought to Universal Conscience*. London: Springer.
- Vasconcelos, Pedro (2020). *O universo conceitual de Milton Santos*. Curitiba (PR): Editora CRV.